

**A emancipação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores**

KARL MARX

NUM

***Teress Claramunt***

## CRÔNICA IBERICA

Queridos amigos e companheiros d'A Grêve: Correspondendo a vossos justos desejos e gentil vício, remeto hoje a presente crônica, a qual editei outrora, dando conta do movimento libertário social desta península.

Em Espanha os perseguidores da violência e da repressão sangrenta, essa violenta e cruel chamada Moret-Maura-Silvela, amam e praticam suas fúrias.

O pai-se impõe de tal maneira, que se torna de todo impossível suportar por mais tempo as investidas ferozes dos brutos fardados que tão barbaresco o manejam.

Já não há em toda a península lugar tranquilo ante a vista da guarda civil; já não há de mais os filhos inocentes, de honrados e pacíficos trabalhadores.

Não muito longe de tempo, o precioso sangue dos humildes filhos do trabalho tem sido abundante e violentamente derramado por campos e cidades, aldeias e vilas. Motivos que justificam essas crueldades? Não há que busque os; qualquer insignificância é motivo suficiente, neste país, para dar larga expansão aos instintos criminosos dos que ordenam de cima e de satisficções brutais, dos que de baixo obedecem torpe e cegamente.

Córdoba, Infesto, Salamanca, Púñila, Badajoz, Almería, etc., têm sido os mais recuados teatros, onde se ha oferecido ao publico pacífico, os sanguinários espetáculos dos crimes governamentais e burguezes.

Assim, um povo (Córdoba) que por falta de trabalho e excesso de miséria se lança pacificamente nas ruas à procura do que lhe é de mais necessário e recusa admitir para elle as, para os filhos do logar, as migalhas que lhes oferecem burguezia e autoridades, porque, obedecendo a um belo espirito de solidariedade, o querem para todos que no logar vivem, sejam ou não filhos do mesmo logar, segundo opinião dos de cima, faz joia no ferro á bala. E ali já segue a guarda civil com a culatra do mator encostada ao hombro, disparando á direita e á esquerda, pagando selosamente as injúrias que, reclamando pão e trabalho, recebem bala e o eterno descaso.

Outro povo (Infesto) que demasiadamente ignorante, suggestionado por um deputado em um fardante, que é o mesmo, se entretém puerilmente a quebrar urnas electoras e dar-se á rixas com seus adversarios politicos, não merece, a juizo dos *mandadores da ordem a todo tempo*, outra coisa que se lhes mande um piquete de *benemeritos*, para fazer os compreender pela razão da força, que o povo não tem nenhum direito a protestar, nem tampouco a reclamar a respeito á autoridade e á lei, por bem estaclada que esteja, ainda que esta lei seja a do sufrágio universal (falsa universal) e o direito estajado e tonto á livre emissão do voto de cidadão... E ali vão *aquelles* a estabelecer a paz varcosiana deixando sobre o campo da luta uma dezena de cadáveres e numerosos feridos, graças sempre ao grande pacificador Sr. Mator, como disse Silvela.

Noutro povo (Salamanca) os sehoritos estudantes os filhos dos papas burguezes, protestam a gritos contra uma real ordem decretada pelo ministro competente, e que elles consideram imprudente; pois a civia á rua e o mator *pacífico* entra outra vez em funcões, invadindo a Universidade, assaltando brutalmente as aulas e estropeando indifferente e a todos quanto estavam dentro, reitor e catedraticos inclusive; acanhado o trabalho com cinco cadáveres e numerosos feridos, que encravam como pedras, deixando rastros de sangue.

Quando seus companheiros de Madrid protestam contra essa nova salvação... pois, se lhes metralha também e ali teem um novo cadáver e quatro outros cinco feridos a mais.

E... para que tudo isto? Assim successivamente o mator se encarga de solucionar e calar todos os conflitos e protestos de baixo, convertendo a Espanha num immenso lago de sangue inocente e claudicante.

Depois dessas carnicerias vem a segunda parte, a mais impressionante. Abrem-se de par em par as portas dos carcereos e para dentro impõem, os verdugos autoritarios, a novas e numerosas victimas inocentes, arrancadas violentamente de suas casas sem attenção pelos soligos das mães, esposas e filhos, que inutilmente invocam a inocencia das victimas para que não lhes seja arrebatada sua liberdade, que implica o pão quotidiano que para logo lhes ha de faltar.

Nem se ouve, nem se atende; nada, absolutamente nada. Os *re-olvidados* da patria necessitam victimas e estas se acham em prompto. E nas necrópolis os corpos apadrecidos os corpos dos homens que foram fortes e robustos para produzir com as suas mãos, para seus exploradores, seus juizes e seus verdugos, e vão se amilhando lentamente suas energias físicas e sua saúde intelectual.

Em pouco tempo, em Espanha se tem derramado muito sangue, graças ás brutalidades de cima e purga em presidio delictos não comditos, uma infinidade de homens rãos de coragem e fortes de intelligencia.

Não é debalde que vivemos a dois passos de Rif. Não entalhe se diz que Africa principia nos Pirineos espanhoes.

Mas, quando se abrirem as valvulas que comprime as justas impaciencias das multitudes populares?

Nosso martirólogo se faz demasiado longo. E sem embargo de tão violenta repressão, o proletariado militante espanhol, saturado perfeitamente do ideal libertario e com consciencia de sua condicção humana e de sua finalidade social, não retrocede nem um passo no terreno de suas conquistas.

tas contra o egoismo burguez, a tirania governamental e o sectarismo religioso. Assim, em sua intrinseca nobre e elevada, conseguiu e adquiriu um posto preeminente entre o proletariado espanhol, e um facto tido de beligerancia entre seus mesmos inimigos de todas as classes e categorias.

O libertario de hoje, por sua intelligencia, seriedade e moral bem cimentada por uma irrefutavel logica, que para si quizaram nossas classes privilegiadas, constitue a melhor garantia de progresso, havendo se captado as aspirações de todos os humildes que ainda sem forças para se redimir por si só, vivem com prazer o esforço que seus irmãos em exploração e sofrimentos, viriam para estabelecer prontamente a sociedade nova e livre que em distintas publicações, nós, os libertarios, recomendamos.

Reservando algumas interessantes notas para estampar na proxima crônica, pois esta vai sendo demasiado extensa, me despeço até a seguinte quinzena, quando tornarei a vos escrever.

Espanha, 1º de junho de 1903.

A obra dos governos é com vezes peor que a do bandido da Serra Morena. O bandido despoja de preferencia os ricos; o governo, os pobres, e ainda por cima favorece os ricos que o ajudam no crime. O bandito atira a sua vida; os governos longe de arriscar suas pessoas, obtêm a sua vida e pela mentira. O bandito não recula a tinguir pela força; os governos recalam.

Richard.

## Inutilidade das Leis

E' sabido que as leis foram creadas: umas para impedir toda iniciativa que não esteja unida á carreta do progresso burguez e governamental, carreta e progresso que marcham a passo de caranguejo; e outras tão somente para fazer victimas a quem castigar. Nenhuma lei tem a virtude de prevenir os delictos civis. Ellas foram concebidas para castigar os delictos e não para evitar estes delictos, não submerem em não quizarem atacar as causas que produzem os delictos; antes preferem em atacar apenas os effeitos. A ignorancia e a miséria são os factores principaes de todo o crime. Entretanto, ao em vez de combater as, ainda se trata de fomentá-las com mais força para dar emprego ao fatalismo judicial.

O povo acerta como necessaria esta infesta instituição, o proletariado dará seu contingente em numero sufficiente para que tenham occupação todos os inúteis: advogados, juizes, carcereiros, etc.

No Brasil como em qualquer país, as leis são arbitrarías, filhas exclusivas da vontade dos governantes. Mas, de todas ellas, a mais absurda é sem duvida a lei de residencia, recentemente votada pela Camara dos Deputados, lei que, com tanta pericia, tem dispendido tanta fôrça o nosso compatriota Basilio da Fonseca (1) e que motiva o presente artigo.

Sou domiciliado nesta capital proximoamente a seis annos; e neste curto periodo de tempo, quantas coisas já tenho visto fazer fora da lei quantos apêllos á lei mesma pelo seus guardadores! Si fosse a lei, todas, teria material para todo o periodico; porém não deixarei de designar alguns para que não se me queira chamar incoherente.

Desde depois da minha chegada, se deu um processo ridículo no qual haviam envoltos varios personagens politicos e outros menos afortunados. E no entretanto, somente um, talvez o mais innocente, foi condemnado a 24 annos de prisão. Refiro-me a Desdchano Martyr, cidadão brasileiro. Elle não matou a ninguém; foi condemnado por cruéis rivalidades politicas. Pobre homem! sepultado em vida... Si isto se dá em um país onde o jornalismo não fosse tão mercenário a victimas já teria recobrado a sua liberdade. Famosos, pois, constar que elle não foi condemnado por lei alguma, visto como não se lhe provou delicto.

Por aquelle mesmo não se declarou uma grêve no matadouro de Santa Cruz e os grevistas foram barbaramente fustigados.

Estão vivos em nossa memoria os successos de 1900 durante a grêve dos cocheiros, assim como os assassinatos quando a Camarchia de S. Christovão quiz annunciar as perseguições. Recentemente a grêve da fabrica "Cruzeiro", onde a policia cometeu toda a sorte de delictos; e por ultimo, faz um mez, pouco mais ou menos, que o delegado da 7ª urbana deportou para Genova um italiano só por dizer que era vagabundo.

Ora, num país onde tantos abusos se cometem com a criminosa impunidad do jornalismo e da opinião publica, que necessidade de leis doutras leis? Basta satisfazer o gosto do tirano.

Nos outros que na qualidade de anarquistas não vemos em todas as leis mais que uma aberração extravagante, na de residencia só vemos o acto de pôr se o emplastro novo de subir a broteria.

Mas, como era natural, a broteria devia sair, e sahir. A Grêve e suas ultimas consequências.

Longe de nossos animos protestar, sabemos bastante bem que na arbitrariedade está a melhor semente que fará germinar o bellidial de Emancipação. Ainda que não queiramos sermos considerados estrangeiros; basta não haverem nascido no que se chama solo brasileiro, para soffermos os primeiros effeitos da cidade lei.

Mas, que importa isso? Aqui, como ali, gritaremos com toda a fôrça de n-nossos pulmões, Viva a Anarquia! Viva a Revolução Social!

Eduardo Palacios

(1) Leiam os artigos "Lei Inútil", publicados nos ns. 1, 2, 3 e 4 d'A Grêve.

A soberania do povo é uma pura ficção, não existe. A ideia de soberania é absoluta; não tem nem se me não nem qualificação nem qualificação nem qualificação nem qualificação. Não sobra mais nada que sobre uma outra soberania, nem a posso conceber.

PI Y MARGALL

## Movimento Social

Dentre os países da Europa, é a Italia um dos poucos onde o trabalhador vive mais oprimido pela dupla tirania do estado e da burguezia. Tão grande é a soma de sacrificios que o governo exige do povo, a tal ponto sobre a rapinagem desenfreada das classes dirigentes, que até jornaes burguezes, como *La Proletaria Italiana*, não vacila de aconsellar ao povo "resistencia contra os impostos expulsores". Pense o leitor o jornal que só assim será possível extinguir os abusos da administração publica. E para dar uma ideia da situação afflicta em que se acham ali os operarios, basta dizer que em 1902, a fome obrigou 521.000 pessoas a emigram do territorio italiano.

Entretanto os empregados publicos são fartamente remunerados, mantem em pé de guerra um exercito numeroso, a esquadra italiana é uma das maiores do mundo, a corte ostenta um fausto orientalismo e a nobreza como a burguezia nada tem a invejar ás dos países mais ricos. O contraste não pôde ser mais flagrante, e quem quer que não tenha o coração impedido, não poderá deixar de indignar-se contra os autores de tamanha injusticia. D'alí as frequentes commoções que se passam nesses países.

Das ultimas noticias, sabemos que em Roma preparam-se os typografos para se declararem em greve em vista da demora dos patrões em atender ás suas reclamações.

No processo instaurado contra os agitadores de Lecce, foram condemnados nove dos processados, sendo absolvidos os onze restantes.

Para quem está acostumado a ver como entendem as leis, as autoridades daquelle país—onde os *carcerados*, nas prisões, á maneira dos de Bresci e ultimamente do marinheiro D'Angelo, no carcere de Regina Celi, são casos frequentissimos—esta nova condemnacão não surpreende.

Em Napoles, realizou-se, no dia 21 do passado, um comicio dos operarios mecânicos desocupados, para o fim de reclamarem trabalho.

Os operarios das fabricas de sabão de Bari declararam-se em greve. E em vista da grande numero de operarios que elles tem recebido, as autoridades, recuando uma greve geral tomam medidas terroristas.

Os padroes de Crispiano declararam-se em greve, e respondem aos ataques da policia com actos de energia e coragem.

ESPAÑA.—Si os homens do governo não tivessem a razão corrompida pelas praticas da tirania, o que se passa agora na Espanha seria uma lição fecunda de ensinamento.

Em nenhuma parte desse país, o governo se mostra mais violento, mais imperialista, que na Catalunha. E não obstante a ali, talvez o maior reducho da ideia emancipadora, Barcelona, a despeito dos continuos golpes, abusos de que são victimas os seus habitantes, cada vez mais fortalece o seu espirito revolucionario, afluindo a furia carnicera dos carceres.

Uma prova disso é o movimento que mesmo agora se opera, apavorando a burguezia com o espantoso drama greve geral.

Pelas ultimas noticias que temos, o numero dos grevistas já é superior a 50.000.

Na Andaluzia impere um costume muito semelhante a quello que fazia os espartanos sujeitarem os illos a um surra anual, para lembrar-lhes a sua condicção servil. Ao chegar o mez de julho se inaugura um sistema de repressão verdaderamente cruel. Na campina andaluza não penetra mais que a latiga do guarda civil e o atropello do cavalleiro negativamente oleado e amador proprietario do logar. Inutil a ta acção regeneradora para libertar os campones andaluz do jugo brutal dos seus verdugos. Em apoio do burguez rico estão toda a policia, toda a guarda civil, o proprio exercito e as leis.

Mas, como todo no mundo, a paciencia humana tem os seus limites. E foi por isso que os operarios de Xerez, empobrecidos de tanto soffrer, se declararam em greve, não têm movimento de alivia repressiva. A violencia do governo para soffrer os primeiros levantes dos servos da gleba, responderam os demais trabalhadores, declarando-se solidarios.

Fez-se, por tanto, a greve geral em Xerez. Pouco depois, os campones de Málaga e Sevilla faziam causa commum com os de Xerez e o governo impotente para exercer em toda a plenitude a sua autoridade opressiva, teve necessidade de prohibir a seus soldados de vigiar os campos. Estando, pois, vibrado o primeiro golpe na burguezia e com quanto não troliamos ainda noticias precisas, pelo incompleto serviço telegraphico dos nossos diarios presumimos que a victoria corou os esforços dos nossos compatriotas dali.

PORTUGAL.—Das ultimas noticias, infere-se que a burguezia do Rio capitulou deante da energia desenvolvida pelo operariado em greve geral. Durante o tempo da permanencia da greve a censura mais rigorosa foi imposta ás commoções para o exterior. Pensava assim o governo jesuitico de sua magestade filippica, encerrar nos limites do *arrazado*, os clamores de indignação suscitados pelas crueldades de que foram victimas os nossos compatriotas residentes naquelle cidade. Inutil coarctação esta, do carasso infame, que esconde o rosto por traz duma mascara pensando assim escapar á execração da posteridade.

Entretanto ao passo que a liguistion rejeitava no exterior, pensava no soffimento commoção, procurando satisfazer á curiosidade dos seus leitores, trataram-se de inserir crônicas portuguezas escritas no Rio de Janeiro, e narraram factos que só existiam na imaginacão imbecil dos seus redactores.

Contudo os operarios venceram. A arrogancia da burguezia foi mais uma vez humilhada pela união vigorosa dos trabalhadores. Nada valeram os burguezes as prisões arbitrarías dos nossos compatriotas abordo dos navios de guerra e nos carcereos das fortalezas, nada lhes valeram as expulsoes sumarias dos apóstolos estrangeiros. A greve seguiu o seu curso fatal. O proletariado do Porto mostrou gloriosamente que sabe também lutar e vencer.

CHILE.—Até a data em que escrevemos ignoramos o resultado do arbitramento, intentado para resolver a greve de Valparaíso.

Deante das continuas provas de energia dos nossos compatriotas residentes no Chile, a imprensa burguesa d'ali, fuge interessar-se pela questão da redução das horas de trabalho, procurando assim conquistar as simpatias do operariado. E o governo também faz constar nutrir muito boa vontade a tal respeito.

Pensam, elles, desta forma pôr termo a questão operaria, fazendo reinar a falsa paz social, como se paz verdadeira pôde haver entre os homens em quanto perdurar a desigualdade economica.

ARGENTINA.—A despeito da perseguição atroz desenvolvida pelo governo do caudillo Roca, contra os nossos compatriotas residentes em Buenos Aires e outras cidades do país que é sua fortiora, o operariado não se deixa esmagar docilmente, como um rebanho de escravos. Aos ataques do governo que manda assassinar homens em plena rua pelos seus assaltadores, respondem com alívio, nunca abdicando o respeito para que sobre elle seja ajuntada a canga da tirania.

Uma prova disso é a greve dos estivadores do porto de Buenos Aires. E como a empresa te-niase em ceder ás justas reclamações dos grevistas, outras corporações de operarios declararam-se em greve. Os sapateiros de La Plata firm dos primeiros a se manifestarem solidarios com os trabalhadores do porto.

A burguezia de cuja memoria ainda não sahiram os successos do ano passado, cunha de terrorismo, O g verno por sua vez compreende a negatividade dos abusos cometidos para atenuar o proletariado; mas como é teimoso, ainda colica o punhal homicida nas mãos dos seus esbirros.

MONTVIDEO — Companheiros d'A Grêve

Saudações,

Para que os conservadores de todas as injunções da sociedade actual não continuem afirmando que a questão social não tem razão de ser aqui na America, quero dar-lhes a conhecer o movimento operario de Montevideo, afim de dar um grão de arca ao "Movimento Social" desse simpatico periodico.

Os mercenarios da imprensa bonairense, quando viram que os ultimos successos do Chile tomaram um verdadeiro caracter revolucionario, abandonaram seu *parque* do tempo da greve de Buenos Aires e proclamam a necessidade dos governos estudarem a questão operaria.

Como o meu objecto não é detalhar lles o movimento social d'aquellas nações, deixo do ponto de vista operario, me concretarei somente a pôr-lhe ao corrente do que se passa aqui.

No dia 1º de maio celebrase-se, como sempre, a manifestação de homenagem ás victimas da burguezia, norte-americana, imoladas innocentemente em Chicago, em virtude duma sentença condemnatoria, fabricada pelo tribunal daquelle estado, infamia pela qual cobraram a Makay e outros burguezes a quantia de *sesenta mil dolares*.

A manifestação foi bastante concorrida, e sobretudo podemos assegurar que seus componentes eram elementos de consciencia e não individuos que tomam o dia 1º de maio por um dia de festa, em vez de ser um dia de luta para a classe explorada: era uma manifestação sem chefes e por isso era bella e grande.

No mesmo dia á noite houve função e conferencia no "Centro Internacional". Esta esteve concorridissima.

Ha poucos dias declararam-se a greve dos alfaiates e depois de varios dias de resistencias e união triumpharam em toda lutha. Conhecese-se que têm consciencia dos seus direitos de homens, tendo se em conta a base em que descansam os seus manifestos ao povo.

O gremio dos padroes esteve a ponto de declarar-se em greve, porém, parece que os *sehores* patrões compreenderam que sua resistencia seria insustentavel, ante a união dos operarios, e está em conchavo com elles, ante de soffrer as consequências da paralisia do trabalho.

Domingo, 17 do corrente, se deu principio á série de conferencias que se effectuarão todos os domingos na praça publica. A primeira teve logar na praça Sauro, e esteve muito animada, causando bom effeito até aos elementos innocentes.

No dia 21 de maio se deu a segunda conferencia publica, a qual foi concorridissima.

Em todos estes casos, gozamos plena liberdade, e se nos rodeia completamente de policia para que não chegue até nós a bala venenosa da burguezia; a policia aguenta tudo.

A 1º de junho apparece aqui o novo periodico *La Verdad*; contemporaneamente apparece o numero correspondente de *La Rebelión*.

Segunda-feira, 25 do passado o deputado *senhor* Senador Penela, deu uma conferencia anti-christica, no Club Liberal Francisco Bilbao. Como esta conferencia nos interessava a todos, por que se tratava da prohibição da entrada das congregações religiosas no país, concorremos de tal maneira, os inimigos do obscurantismo, que todo o auditorio

era anarquista; pediram a palavra varios companheiros e foi-lhes negada redondamente. Não estranho este procedimento: não jesuitas de casaca...

Junho, 3—de 1903. — A. Sanchez.  
P. S. — Acaia de declarar-se a greve das padarias. A ordem não altera a linha, portanto a simpatia que todos os operarios de Montevidéo têm pelo gremio que está em greve não será estranho que em caso de resistencia por parte dos donos de padarias surja a greve geral.

Acaia de chegar os delegados chilenos, mas estou muito certo que não levarão a sua terra muito boas impressões da recepção que aqui lhe foi feita pelos operarios: foram recebidos com uma caia infernal.

Para mais detalhes, ali lhes mando uns manifestos. — O mesmo.

Nora. — Os manifestos de que nos fala o nosso estimado companheiro são boletins velhinhos de protesto contra o assassinato do proletariado chileno pelas classes arianas; boletins que bem provam o alto espirito de solidariedade do operariado de Montevideo.

A redacção.

A republica franceza, que tem por divisa na fachada dos seus edificios publicos escrito: "Liberdade, Igualdade e Fraternidade", conserta em tempo de paz 600.000 homens encerrados nos quartéis, submetidos a disciplina militar e dispostos a matar os trabalhadores que queiram conquistar seus direitos a vida; isto é, 600.000 presos, degradados e homicidas.

Lo

## O BOICOTE E O "LABEL"

Julgamos útil dar a conhecer os seguintes dados, que tomámos dum periodico operario, a respeito dos nomes que nos servem de epigrafe.

Conhecidas são as origens do boicote. Em 1879, o riquissimo lord Erne tinha como administrador da sua fazenda, na Irlanda, o capitão Boycot, homem avaro e cruel, que esgotou a paciência dos camponeses que se achavam debaixo da sua dura dependência, até o ponto de negar-lhe a submissão, e quando chegou o momento da sêga não encontrou um segador.

Afortunadamente não estava ali o Pacho, do Lerroux, que chamava burguezes aos trabalhadores para justificar a ingerencia em assuntos obreros de reitores politicos.

Perdido-se, pois, a cultura, por falta de segadores; porém, não limitando-se a isto os seus dependentes, por effeito da sua propaganda chegou o misero Boycot a não poder viver no paiz, onde soffria uns effeitos semelhantes aos que a igreja catolica soube produzir na Edad Media com a excomunião maior; pelo que o ex-administrador fugiu para a America, onde morreu na desesperação e na miseria, pagando assim as culpas da sua soberbia e da sua avareza.

O exemplo dos seus fructos: o boicote se estende pela Irlanda, na Inglaterra e Alemanha. Praticado nos Estados Unidos, tem chegado a ser de uso corrente, e tem dado ex-votos resultados. Na França introduziu-se depois, onde tem sido usado pouco, apesar de alguns bons exitos, ainda que na actualidade tenda a generalizar-se. Na Espanha é quasi desconhecido; só recordamos os boicotes praticados em La Línea com bom exito: anteriores aos ultimos successos em que o maisser da ordem legal derramou sangue operario.

Os trabalhadores norteamericanos compreendem depressa que boicotar um comerciante revendedor e retalhista q' se acha em contacto directo com o publico, é facil; o difficil é boicotar o grande industrial que se acha separado do consumidor por numerosos intermediarios.

Discorrendo sobre este ponto, deu-se com a solução mais idonea o *label* ou marca de boicoteamento applicado aos productos de quantos burguezes se achem em relação economica com as sociedades obreras e accetado e generalizado seu uso a falta do *label* num estabelecimento ou nos productos duma industria é signal de inimizade com os trabalhadores e afasta ao consumidor.

O *label* e o *boicote*, um auxilio auxiliar do outro, se acham em relação economica, e seus usos vão-se generalizando nos Estados Unidos, na Inglaterra, na Alemanha e ultimamente na França, trabalhando-se na actualidade para generalisar internacionalmente o *label*.

O *label* deve a sua origem a defesa do jornal, organizada pelos trabalhadores da California contra a concorrência dos chins, que trabalhavam por um jornal minimo, submetendo-se além disso pacientemente a todas as exigências e a todas as injurias patronaes.

Como a necessidade era obrigatória, e os chins com ser pacientes até um extremo inverosimil para a dignidade do operario americano e europeu, são tão intelligentes que exercem com perfeição todos os officios, e são tão numerosos como colônias de microbios, os operarios collaboram despropositadamente e acceitam o *label*, e á sua diffusão e pratica dedicaram-se com empenho, logrando por diques á ambição patronal e mantendo com firmeza sua organização e seu salario.

Os cigarros foram provavelmente os inventores e propagadores do *label*, e a elles deu-se em organização como entidade operativa e mutua, sem d'vida alguma a propria existencia e a d' suas familias. Principiam aquelles indigentes e operarios por adoptar um selo, e exigir que os seus burguezes o puz sem nos seus productos, e em signal de que na sua fabrica trabalhavam operarios associados e que pagavam, a jornal ou empreitada, conforme os preços convenientemente tarifados. Em seguida acaia aram com o boicote todo producto no mercado com o *label*, o mesmo que aos das industrias que, por effeito da enxada do trabalho, com elle puderam relacionar-se e apressando p' todos os consumidores operarios, sempre os mais numerosos, forçaram os burguezes, com boa ou má vontade, a submeter-se á imposição.

Generalizado o *label* por todas as organizações operarias de defesa e de resistencia, logrando por um dique á ambição da burguezia de maneira que na America representa relativamente um capital muito mais importante que o da grande burguezia de Espanha. Como d'elles episódios da luta em taboada pelos trabalhadores com a *boicote* e o *label* os mais interessantes e notorios edificações de seu conhecimento, ramos admiração e todos provam que, seja qualquer a linha empreendida pelos trabalhadores que directamente vão para a sua emancipação, principiando por emancipar-se de falsos redutores de blusa e casaca, vê-se sempre com, constancia, dignidade e fe no ideal.

Não falta quem atribua ao boicote, e ao *label*, que é um boicote indirecto, grande participação na causa da formação dos *trades unions*, cuja propaganda tem chegado já á Europa, como meio de defesa contra o avassalador soffido obrero, e acaso tenham factos que isso creem; porém, mesmo assim não já como operarios sociaes, são como anarquistas, temes a dizer: Medhurst!

Quanto mais breve se encontre a burguezia no bico sem saída em que por desviarse do caminho amplo e ferrenho do progresso, se acha metida, mais breve haverá q' romper revolucionariamente o obstaculo e passar adiante.

Consideramos estas indicações necessárias e proveitosas para as sociedades operarias que por effeito de recentes campanhas contra os usurpadores do capital accumulado e dos meios de produzir, têm a seus melhores socios, os mais intelligentes e os mais abnegados, soffendo os inhumanos resultados do PACTO DA FOME.

Como é triste que depois de uma greve utilitaria triunfante vão todos gozar da diminuição de horas e aumento de salario... menos os que em estrita justiça deviam participar em primeiro termo os quaes, não vão para a cadeia accusados de coages de desobediencia e tapas á autoridade, ficam sem pão e sem um pedrão fadiga de ver perecer de fome aos seus e filhos.

Operarios inseridos na lista infame d's burguezes cambaleantes, ha em Barcelona, Girona, Gijón, La Línea, Sevilla, Reus, etc. J' em toda Espanha, em que apenas se faz mais que facultar-lhes algum socorro pecuniário insignificante, resultado de subscrições modestas por não dizer mequinhas e que tiram espaço a nossos periodicos de propaganda, e cujas quantidades accretes serem roídas por pedidos do genero a que não nos amig e companheiro Malato em outro lugar desce numero.

Estudem, pois, as organizações operarias se ha lugar ao planteamento do boicote e do *label* na Espanha, sequer seja para boicotar o PACTO DA FOME e impedir a fraude da burguezia, enquanto não se logra destruí-la completamente pela Greve Revolucionaria.

(Traduzido da Huelga General, de Barcelona.)

Proprietarios, quaes são os vossos titulos? Haveria para Mas quem tinha o direito de vender essa parte do patrimonio comunitario? Esses territorios não são de vós outros, nem eram dos vossos donos.

BRISSET

## Pelourinho

Nada mais doloroso para o homem de bons sentimentos que o espectáculo tristissimo da degradação humana; por mais ardente e propenso á luta, que seja o seu temperamento; embora tenha um fogoso espirito de combatividade, não consegue manter a imperturbavel calma do lutador quando ao deavaso o fundo de uma consciencia, adquire a convicção de que os mais preziosos dons da natureza já foram prostituidos, no ser objecto sobre quem estabelecerá sua análise. E si esse fenomeno se produz geralmente, pertença o infeliz a qual quer classe social, ainda com mais intensidade se manifesta ao tratar-se dum operario, victima consciente de si proprio e lucto: daquelles a quem serve de eido de fé, negando a tudo quanto se dia ter de mais precioso — a sua dignidade de homem. Porque todas as nossas energias, toda a nossa vida, puzemos ao serviço da justa causa dos que trabalham, não nos alegra atacar um trabalhador. E' sempre possuidos duma amargura infunda que arrancamos a mascara aos traidores ou a mstramos á plena luz a fisionomia do colabore; e si deveres muito altos, multissimos repetições, quaes os da defesa comuna, não nos impuzesse o ataque a taes miseraveis, preferiríamos lançar sobre todos elles o manto da nossa indiferença, do nosso desprezo, certos como estamos que semelhante classe de inimigos é mais digna de lastima que de odio, mais merecedora de um olhar de compaixão que dum golpe certeiro. Mas como a pegada do reptil mata com tanta ou mais facilidade que as garra da fera, assim não podemos proceder sem prejudicarmos á nossa segurança comuna. Para ser completa a cura, cumpre eliminar o mal em todas as suas origens. D'outra maneira se procedendo, apenas se consegue e prolongar a enfermidade...

Estas considerações nos agraem o procedimento republicano de Manuel Muniz Pacheco, por teir da fabrica de vidros "Confiança". Animado por interesses humanitarios, o referido sujeito, se tem consuetudo o maior inimigo d's operarios que ali trabalham. Homem duma educação detestavel, affeito as praticas as mais servis, não perde ensejo de burlar a directoria, transformando-se num crepão gratuito do cap talismo; tal é a sua febre de adular, que se mette até pelos logres onde não é chamado, estando creações de apressar aos olhos dos directores como um *bon uxorialis*. A força de mexericos já obteve muitas taes alterações em prejuizo dos nossos companheiros.

Mencionar o rol das infamias de Pacheco, seria tarefa sobre fatigante desagradavel. E depois nenhum proveito resultaria disso. A directoria deve combater o bastante para não se enganar a seu respeito. Os nossos companheiros daquella fabrica também o combem. Basta portanto a denuncia de mais este traidor, para que o colabore não nos todos, e o mesmo esfigua o acompanhante por toda a parte onde elle fór, como a sombra acompanhando o corpo.

\*

O *Jornal do Brasil*, organo que se intitula defensor do proletariado, publicou, sabado, 13 do junho, uma noticia curiosa, na qual annunciava a directoria da fabrica de tecidos "Carica" apresentara á delegacia daquella circumscrição uma lista de 27 operarios sapateiros anarquistas. Ao mesmo tempo procurava a referida noticia, com uma cautela que bem revelava um terror superfluo, varrer a hypothese do haverem anarquistas no Jardim Botânico.

Surpreendeu-nos o caso, e como se tratava de assunto que nos falava directamente, procuramos similão do ocorrido e encontrei os seguintes: "No dia 11 do mez pasado (quinta-feira), os menores que trabalhavam naquella fabrica, diante dos taes tristes de que eram victimas por parte do contra mestre que os dirigia e com-tiderando muito diminutos os seus salarios, reuniram-se espontaneamente, na ocasião do apito para o almoço, e resolveram declarar-se em greve. Tomada esta resolução pela unanimidade dos pequenos, quando se levantaram a apito afim de recommear o trabalho, nenhum entrou na fabrica.

Vendo-se depois duma forma tão imprevisita, o director, acaia de esgotar todos os meios que julga possiveis para fôr os submeterem-se, teve de capitular e con-cidando-os a se aproximarem indagou de q' elles pretendiam. Aproximaram-se os pequenos as reclamações já enumeradas. E como o director mostrasse pouca vontade de attende-las, começaram a proceder com mais acerto que muitos homens em identicas circunstancias: danificando o material e apupando a directoria.

Deante desta attitude, o director julgou mais prudente acalmar-se satisfazendo em todos os termos a sua reclamação d'elles. Foi, portanto, despedido o barbaro contra-mestre e aumentado os salarios. Tudo isso no espao de 113 horas.

Mas como era natural a individuos obscuros a sua rotina, a directoria não pôde combater que um movimento tão bem organizado, fosse como efectivamente fôr, da iniciativa exclusiva dos meninos. Entrou-se de desconfiança e começou de seiscar nestes pedaleiros dos exploradores, que é o anarquismo. Acrecendo ainda a circumstancia de na segunda-feira proxima ter de responder a uma reclamação dos operarios maiores, encheu-se de pavor e quiz talvez daquella forma se prevenir contra perigos meramente fantasticos.

Entretanto nada aconteceu. A reclamação foi atendida e os operarios que só tinham a defesa dos seus interesses, sem outras preoccupações que a conquista dos seus direitos, continuaram a trabalhar honestamente.

E para concluir, dizemos nós ao senhor director: não peca o seu socorro a preoccupar-se com a destruição do anarquismo; por maior que seja a sua força jamais poderá resistir á nossa força que tem arrazado cascos muito mais fortes; porque é desavolvida pelo ideal da Justiça e pelo verbo de fogo da Verdade. Conforme se com os laes historicos, si não quer fazer o papel duma casa de nóz que procebe impeller o curso duma avalanche. Quem lhe dá o conselho é um inimigo; mas, sobretudo, um inimigo leal.

\*

Dão nos o coração insistências sobre factos que só podem causar tristezas aos nossos companheiros, porém si e fazemos e pe'o dever que nos assiste de abrimos os olhos áquelles que não tendo uma orientação segura sobre o seu papel na sociedade actual ainda se deixam illudir pelas labias mais ou menos insinuantes dos exploradores da ignorancia.

Entre as causas que até hoje têm operado para o acaio do proletariado na conquista necessaria dos seus direitos, ocupa, sem duvida alguma, o primeiro lugar a politica. E' servindo-se duma norma de conducta estranha que o candidato a uma cadeira de representante do povo se insinua ao espirito dos que o cercam até conseguir transformá-lo em instrumentos das suas ambições inconscientes. A historia das injurias politiquicas é tão velha como a da propria civilização. Para chegar até nós tem soffido multiplicas e varias transformações, mas os prejuizos não se manifestado com uma constancia desoladora.

O socialismo em que Pradon concentrou os sentimentos nobres de emancipação proletaria tem degerado tanto nestes ultimos tempos que si aquelle digno operario revivesse, teria logo de que hoje se apreguam continuando os seus obra. E' que passando por diferentes fazes, os socialistas da villa escola degeneraram em simples capangas de diplomatas electivos, collocando a roda acima de tudo. D'alí a maneira dubia com que encaram os acontecimentos mais acrios pelo receio de incorrerem no odio dos governantes, que poderão em representação inaproveitavel se para todo o sempre com uma cadeira de deputado e assim perderem as suas mais ardentes esperanças. Revisado de que a verdade exposta em toda a sua nudez, provoque as coléas dos oprindidos, ocasionando algumas complicações, vivem a falar de paz e de ordem ao proletariado, fingindo, evidentemente, á responsabilidade de qualquer conflicto.

Isso é o que se está vendo hoje em todo o mundo sem excepção do Brasil.

E quando a violencia do capitalismo se apresenta irritante, estes supostos lutadores paldeem e fazem o apostolado da cobardia. A elles po'o importa que o grévista sofra as consequências duma

derrota. Si são policias secretas, procuram obter a sutura dos que tinham fatalmente ser postos em liberdade e com isso proclamam os seus servicos, revellando gratidão. Quando ha occasião d'alguma processo, mandam seus advogados fazerem uma defesa que em verdade nenhuma avião exerce sobre o julgamento, e dizem ter feito muito, não se lembrando que a defesa é assegurada a todo réo pelo proprio estado que para isso dispõe duma assistência judiciaria; porque ninguém tem mais interesse em revestir as suas arbitrariedades dumas certas apparencias de justiça que os proprios opressores.

No caso da fabrica do "Hemfin" é precisamente o que se está vendo. Depois de ter alitado com as suas palavras mystificadas o animo dos operarios d'alí, ocasionando uma dissidencia fatal á causa comuna, o dr. Vicente de Souza, que a despeito de ser amigo do chefe de policia, não teve palavras energicas para protestar contra a prisão ilegal dum operario arrancado violentamente de sua casa, com offensa da tão falada inviolabilidade dos domicilios, comissaria agora advogados para acompanhar um processo não, querendo assim legitimar o acto do seu amigo.

E superior a toda a paciência, o insulto. Para humilhação nossa não basta que os nossos companheiros tenham sido despedidos e a fabrica triunfasse estupidamente auxiliada pelos nauticadores de todas as épocas... Ainda por cima se quer encerrar numa prisão aos vencidos, aos humilhados...

\*

E' com a mais profunda tristeza que temos acompanhado a marcha da greve dos operarios da Mortona. Justamente indignados com o procedimento deshumano do dr. José Maria da Conceição, director daquellas officinas, os operarios resolveram declarar-se em greve afim de conseguirem a demissão d'aquelle *senhor*. Levado o facto ao conhecimento da directoria do Lloyd Brasiliro, esta decida humilho orgulhosamente prestar atenção aos operarios, mandou correr uma especie de noção de confiança entre os chefes das diferentes secções e depois afixou um boletim sobre arrogante insultoso, em que declarava manter o tal individuo nas funções do cargo que foi ineptamente exercido.

Deante desta resolução irritante, os operarios julgaram mais acertado procurar o dr. Vicente de Souza e constituiram-no seu chefe. O referido dr. Souza, que além de ser medico é lente official do Gymnasio Nacional, chamou por sua vez o seu secretario, que é *personagem de todos os chefes de policia*, e depois de fazer-lhes um discurso acanhado paz, ordem e respeito ás autoridades constituídas, d'liberou formar um prestito ambulante para, em elle na frente, victoriar a imprensa burguezia. Depois, suppondo talvez de extrema necessidade fazer aos ministros e ao presidente da republica uma demonstração da sua força eleitoral, dirigiu-se primeiro ao ministro da industria, e por ultimo ao presidente da republica. Mas como era de esperar estas autoridades condemnaram em toda a linha as prestações dos grevistas, desenhando-lhes capacidade para reclamar os seus direitos.

Efectivamente a resposta do dr. Rodriguez Alves fôr domaciada dura para ter sahido dos labios dum homem que já figura no calendario dos socialistas; porém, o habil jesuita não podia perder assim, de um dia para outro, o habito de prostrar-se ante os santos do dia; por isso, persistiu no proposito de reconquistar as boas graças das autoridades. O ministro da marinha, perillhando a causa dos exploradores, ordenou que nas officinas do Arsenal dependente do seu ministerio fosse despendidas todas as obras do Lloyd, mesmo com prejuizo das do Estado. O governo assumiu, por esta forma acaloradamente o partido da burguezia, lançando 800 familias na miseria para não ser castigado um individuo perverso.

O dr. Vicente de Souza, porém, não se deu ajuda por satisfeito com as humilhações a que vinha sujeitando os operarios que tiveram a ingenuidade de entregarem-se lhe egaemente e concebem um novo meio de injuria-os. Convocou uma reunião para o Centro das Classes Operarias, e quando teve todos reunidos usou da palavra e aconselhou a pedir esmolas á es mesmíssimas pessoas que por um capricho injustificavel os obrigavam a passar fome; isto é, ao presidente da Republica, aos seus ministros, e ao director do Lloyd Brasiliro!!

Com franqueza, pôde conceber-se coisa mais irritante!

Só muito perfida ou muita cobardia, pôde ditar um alvitre semelhante.

Alvitre, ainda não estava satisfeito o illustre chefe? Era preciso fazer quanto antes a apologia dos seus servicos; e para esse fim foi convocada uma reunião, da qual tiramos, ao *Jornal do Brasil* o seguinte resumo:

As 8 horas da noite, reunidos no Centro para mais de 400 operarios e presente tambem o dr. Sabino dos Santos, advogado do Centro; o dr. Vicente de Souza abre a sessão, secretariado pelos srs. Alfredo Jansen Tavares e Alfredo Perestrello. Depois de apresentar á assembleia o dr. Sabino dos Santos, declara que, apresentando-o, apresenta um dos mais sinceros defensores. Ao concluir, grande salva de palmas soon no recinto.

Em seguida falou o dr. Sabino dos Santos, declarando que a greve, *meu obra de uma edificação não teri o viavel se não tivesse como esteira a sua frente como guia, como financeiro, o dr. Vicente de Souza*; a vossa causa é santa, disse o dr. Sabino dos Santos dirigindo-se aos operarios que se achavam a caiva da justiça da *huelga* da vergonha. Viu que os operarios do Arsenal de Marinha puderam servir-nos em muito, mesmo não fazendo causa comuna com os grevistas, auxiliando-os com obollos, si obrigados forem a trabalhar. Tenham fe, sigam o dr. Vicente de Souza, porque a calma nos levará a victoria!!

